

PENSAMENTO E LINGUAGEM: SUAS RELAÇÕES COM A GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA

Bianca Beatriz Roqué

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, São Luís, MA, Brasil
biancabeatrizroque@gmail.com

RESUMO

Quais são as relações do pensamento e da linguagem com a Geografia? Esta discussão teórica, embasada no pensamento dos filósofos Ernst Cassirer e Maurice Merleau-Ponty relaciona as construções que ocorrem na consciência com a materialidade das ações humanas que se expressam no espaço. A argumentação embasada no pensamento fenomenológico rompe com a dicotomia sujeito-objeto, e demonstra, através de exemplos, as imbricações da consciência humana com o mundo que a cerca. Desta maneira, o pensamento e a linguagem possuem uma função concreta e uma função simbólica. Sendo a Geografia a ciência que tem por objeto de estudo o espaço geográfico, esta pesquisa vem demonstrar que o espaço não é composto apenas por objetos materiais e concretos, mas também engloba imaterialidades, compostas por imaginações, fantasias, sonhos e sentimentos. Através do pensamento e da linguagem, conseguimos nos conscientizar do mundo, estabelecer relações com o espaço, e nos apropriar dele por meio da consciência e das ações.

Palavras-chave: Ernst Cassirer. Merleau-Ponty. Consciência.

THOUGHT AND LANGUAGE: THEIR RELATIONS WITH PHENOMENOLOGICAL GEOGRAPHY

ABSTRACT

What are the relations of thought and language with Geography? This theoretical discussion, based on the thinking of philosophers Ernst Cassirer and Maurice Merleau-Ponty, relate the constructions that occur in consciousness with the materiality of human actions that are expressed in space. The argument based on phenomenological thinking breaks with the subject-object dichotomy, and demonstrates, through examples, the imbrications of human consciousness with the world that surrounds it. In this way, thought and language have both a concrete and a symbolic function. Since Geography is the science whose object of study is geographic space, this research demonstrates that space is not only composed of material and concrete objects, but also encompasses immaterialities, composed of imaginations, fantasies, dreams and feelings. Through thought and language we manage to become aware of the world, we establish relationships with space, and appropriate it through consciousness and actions.

Keywords: Ernst Cassirer. Merleau-Ponty. Consciousness.

INTRODUÇÃO

Quando se fala na temática de pensamento e linguagem, logo vem à mente o livro homônimo de Vygotsky (2005), que já defendia não existir pensamento sem linguagem, e vice-versa. A princípio, parece não ter relação com a Geografia, sendo tais estudos relacionados às áreas de psicologia, linguística e pedagogia. Contudo, pensamento e linguagem podem ter relações mais estreitas com a Geografia do que parece à primeira vista, as quais serão discutidas nesta pesquisa. Isto o faremos com aporte na filosofia, mais especificamente ancorados no pensamento dos filósofos Ernst Cassirer e Merleau-Ponty.

O objetivo desta pesquisa é compreender as relações das construções que ocorrem na consciência, com a materialidade das ações humanas que se expressam no espaço geográfico. Tal argumentação está embasada no pensamento fenomenológico, que rompe com a dicotomia sujeito-objeto, e, portanto, está no entremeio entre a consciência e o mundo. A metodologia fundamenta-se na revisão bibliográfica, cuja discussão apresenta a imbricação de fundamentos epistemológicos com exemplos

práticos do mundo vivido, expressos por autores de diversas áreas do conhecimento. Para tanto, o texto é dividido em três partes.

A primeira conduz o leitor a compreender as relações do pensamento e da linguagem com um sistema simbólico, interface basilar de todas as ações humanas. A partir de exemplos relacionados aos seres humanos arcaicos, apresentados por Harari (2015); ao desenvolvimento infantil estudado por Piaget (1999) e às pessoas com lesão cerebral, discutido por Ernst Cassirer (1994; 2017) e Maurice Merleau-Ponty (2011; 2006a), mostramos que o pensamento concreto antecede a linguagem simbólica. Embasados em uma abordagem multidisciplinar, trazemos autores da história, psicologia e filosofia para demonstrar que os estudos sobre a linguagem perpassam várias áreas do conhecimento e convergem para ponderações semelhantes.

A segunda parte, imerge na fenomenologia e busca explicar como esta corrente filosófica fornece o aporte necessário para entrelaçar pensamento e linguagem com as percepções e ações espaciais humanas. Esta corrente rompe com a dicotomia entre sujeito-objeto: a linguagem é que está no entremeio e cumpre o papel de estabelecer estas relações ao conectar a consciência com o mundo.

A terceira e última parte, relaciona o pensamento e a linguagem com a Geografia, estabelecendo um elo entre ser-estar-no-mundo e a condição existencial. Apresentamos o caso de Helen Keller, uma garota surdo-cega, para discutir seu processo de aquisição da linguagem. Ao nomear o mundo (seus objetos e ações), se torna possível a apropriação deste através do pensamento, já que a Geografia não se constitui apenas pela ciência do concreto, mas também pela imaginação e abstração das ações que estão presentes nas relações espaciais.

A pesquisa justifica-se para que se tenha compreensão de que o pensamento e a linguagem, que são atos ocorridos na consciência de cada indivíduo, estão diretamente relacionados à sua consciência espacial, ou seja, estabelece este elo entre a pessoa e o meio. A partir de exemplos práticos explorados neste artigo, torna-se mais clara a forma como ocorre esse processo.

PENSAMENTO E LINGUAGEM: UM ATO SIMBÓLICO

A linguagem não é um atributo exclusivamente humano. Animais emitem sons com diferentes significados: para alertar a presença de predadores, para o acasalamento, para intimidar um inimigo. A diferença entre a comunicação entre os animais e a linguagem humana está no fator simbólico. O significado dos sons emitidos por animais possui uma função concreta, prática e pragmática de exercer as funções vitais imediatas. Já a linguagem humana tem a capacidade de abstrair, inventar, imaginar, expressar sentimentos, sonhos, contar mentiras e/ou formular hipóteses.

Tal constatação é explicada didaticamente por Harari (2015) em seu *best seller Sapiens: uma breve história da humanidade*. O autor conta que há 100 mil anos os Sapiens tinham capacidades cognitivas inferiores, embora se parecessem conosco. Há 30 mil anos houve aumento da habilidade cognitiva e um incremento da linguagem, evento conhecido por Revolução Cognitiva, que consistiu em novas formas de pensar e se comunicar. Tal evento permitiu que fossem produzidos barcos, lâmpadas a óleo, arcos e flechas e agulhas e que partilhassem informações sobre o mundo. O *Homo Sapiens* se tornou um animal social, com relações sociais mais complexas. A linguagem mais sofisticada possibilitou, por exemplo, a fofoca e a difamação, o que criou tipos de cooperação entre grupos de pessoas. Informar sobre trapaceiros e aproveitadores protege a sociedade. Além disso, uma das características mais marcantes, nas palavras de Harari (2015, p. 28), foi “a capacidade de transmitir informações sobre coisas que não existem. Até onde sabemos, só os sapiens podem falar sobre tipos e mais tipos de entidades que nunca viram, tocaram ou cheiraram. Lendas, mitos, deuses e religiões apareceram pela primeira vez com a Revolução Cognitiva”.

A ficção proporcionou não só a possibilidade de imaginar as coisas, mas também construir coletivamente e cooperar de modo versátil em grupos com grande número de pessoas que não se conheciam. Diversas espécies animais e humanas formavam grupos com a finalidade de cooperar entre si. Este grupo sempre era dominado por um líder. Antes da Revolução Cognitiva, a cooperação entre um grupo funcionava até 150 indivíduos. Um número maior que este, poderia incorrer em uma desordem, já que não era possível o líder conhecer e interagir com todos os membros do grupo.

Com o advento da Revolução Cognitiva e o incremento da linguagem simbólica, os seres humanos conseguiram criar grupos muito maiores, com o surgimento da ficção. Um grande número de estranhos pode cooperar em grande escala, se todos acreditarem no mesmo mito. Com o passar do

tempo, a realidade imaginada se tornou ainda mais poderosa. A maneira como as pessoas cooperam pode ser alterada se forem alterados os mitos. Até a Revolução Cognitiva, os feitos de todas as espécies pertenciam à biologia, na qual o comportamento do animal só poderia ser alterado em seu DNA. O *Homo Sapiens* conseguiu transformar as estruturas sociais em algumas décadas, ao difundir novos mitos. A partir de então, as narrativas históricas substituíram as narrativas biológicas.

A passagem da linguagem concreta para abstrata, além de ocorrer na evolução histórica da humanidade, também pode ser observada em cada um dos indivíduos durante o período da infância. Piaget (1999) desenvolveu estudos em Psicologia Genética, com o objetivo de investigar como o ser humano constrói o conhecimento. Um dos conceitos cunhados na obra de Piaget é o da assimilação. Para ele, quando a criança entra em contato com o objeto, ela retira dele algumas informações e assim interpreta o mundo, apropriando-se dele através de informações que apreende e toma para si.

O autor dividiu as fases do desenvolvimento infantil por faixas etárias, fases nas quais ocorrem rupturas, ou seja, saltos na inteligência pelo incremento das formas de perceber, pensar e interpretar o mundo. O primeiro estágio, chamado de sensorio-motor, vai de 0 a 2 anos e antecede a fala. Nesse período já se constrói a inteligência prática ao interagir com o mundo com suas ações e percepções.

No estágio 2, chamado pré-operatório, dos 2 aos 7 anos de idade, a criança desenvolve a ideia de representação. No documentário *Jean Piaget: Coleção grandes educadores* o professor do instituto de psicologia da USP, Yves de la Taille (2006, 25'10"), exemplifica algumas atitudes infantis desta fase, como por exemplo: o ato de desenhar, de brincar de faz de conta, de imitar, e de se reconhecer no espelho sabendo que aquela imagem é um reflexo de si mesmo.

O estágio 3, Piaget divide em operatório concreto e operatório formal. No operatório concreto, fase que vai dos 7 aos 11 anos, a criança opera apenas em cima de objetos e situações em que ela possa manipular ou vivenciar. No período operatório formal, a criança trabalha com puras hipóteses, aplicando sua lógica a objetos puramente hipotéticos. Assim,

[...] a criança, por exemplo, do ponto de vista operatório concreto chegará facilmente à conclusão de que todos os planetas são redondos, a Terra é um planeta, e logo, a Terra é redonda. E ela sabe, inclusive, que a Terra é redonda. Mas se você coloca pra ele o seguinte: todos os planetas são quadrados. A Terra é um planeta, logo, em pura hipótese, a Terra é quadrada. Mas como ela sabe que a Terra não é quadrada, ela tem muita dificuldade de aceitar, porque ela ainda está relacionada ao concreto em sua vivência (LA TAILLE, 2006, 37'14").

Além das situações já citadas em que seres humanos evoluem de uma linguagem concreta para a abstrata, também existem casos em que a pessoa tem uma perda da linguagem abstrata e passa a reconhecer apenas a linguagem concreta quando sofre uma lesão cerebral. Tal comorbidade é denominada por afasia. A pessoa é capaz de realizar atos concretos, como bater em uma porta, pentear os cabelos. Se, contudo, a pessoa é solicitada a representar os movimentos destas ações, gesticulando os atos, não é capaz de fazer, pois a pessoa perde a capacidade de simbolizar, ou seja, de agir de forma hipotética.

Pacientes com afasia também não conseguem dizer coisas "irreais", como, por exemplo, afirmar que está praticando uma ação, se a pessoa de fato não estiver praticando. Se apegam, portanto, a fatos imediatos e a ações concretas. Sendo assim, a perda da fala não é um fato isolado. Apesar de pessoas com afasia aparentarem agir normalmente, elas não são capazes de pensar em conceitos, categorias gerais e abstratas, nem executar o pensamento simbólico.

Kurt Goldstein foi um psiquiatra e neurologista alemão que, dentre seus estudos, dedicou-se à afasia, apoiado nas noções da *Gestalttheorie*. Goldstein estudou o caso de um combatente de guerra chamado Schneider, que sofreu uma lesão cerebral. Dois filósofos utilizaram como exemplo o caso de Goldstein para embasar suas obras: o alemão e primo de Goldstein, Ernst Cassirer (1994; 2017) e o francês Maurice Merleau-Ponty (2011; 2006a).

Para corroborar com seu referencial teórico, Cassirer utiliza o exemplo da afasia em seu livro *Ensaio sobre o Homem* (1994, p. 71; p. 97-99) e também dedica a ela um subcapítulo inteiro no livro *Filosofia das formas simbólicas* volume III (2017, p. 163-217). Fernandes (2006, p. 25), embasado em Cassirer, afirma que a pessoa com afasia perde a capacidade de ordenar o mundo, já que o sistema simbólico é a capacidade de representação, ou seja, de dar sentido aos signos arbitrários e assim significar as coisas. Cassirer explica que:

Pacientes de afasia ou de outras doenças do mesmo tipo não só perderam o uso das palavras como também sofreram mudanças correspondentes na personalidade [...] não são mais capazes de pensar em conceitos ou categorias gerais [...] sem o simbolismo, a vida do homem seria como a dos prisioneiros na caverna do famoso símile de Platão (CASSIRER, 1994, p. 71-72).

Deste modo, Cassirer (1994, p. 97) compara o pensamento da pessoa com afasia ao pensamento primitivo, no qual não era possível distinguir o real do ideal, do imaginário, da possibilidade, já que os pacientes de Goldstein “não conseguiam pensar, nem falar em coisas ‘irreais’”.

Merleau-Ponty usa o exemplo da afasia em *A Estrutura do Comportamento* (2006a) e no capítulo III da *Fenomenologia da Percepção* (2011), no qual dedica grande parte para analisar o caso clínico de Schneider, paciente de Goldstein, abreviado como Schn. O autor se refere ao caso como perda da “atitude categorial”, “função simbólica” ou “função de representação”, e, inclusive, cita Cassirer.

O paciente, ao perder funções da linguagem, deixa também de conseguir realizar movimentos corporais, pois “se o doente não pode mais apontar um ponto de seu corpo que tocam, é porque ele não é mais um sujeito ante um mundo objetivo, e porque ele não pode mais assumir a ‘atitude categorial’”. Da mesma maneira, o movimento abstrato está comprometido (...)” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 171). E, portanto, “o que é inacessível, não é então um certo estoque de movimentos, mas um certo tipo de atos, um certo nível de ação” (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 92).

Da mesma maneira que o paciente não consegue movimentar seu corpo de forma abstrata, não consegue compreender expressões abstratas, como relata o autor:

Observa-se por exemplo que o doente não compreende analogias tão simples como: “a pelagem é para o gato aquilo que a plumagem é para o pássaro” ou “a luz é para a lâmpada aquilo que o calor é para o aquecedor” ou ainda “o olho é para a luz e a cor aquilo que o ouvido é para os sons”. Da mesma maneira, ele não compreende em seu sentido metafórico expressões usuais como “o pé da cadeira” ou “a cabeça de um prego”, embora saiba qual parte do objeto essas expressões designam (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 179).

Dessa maneira, Silva (2012, p. 140-141) conclui sobre o experimento de Goldstein:

É assim que, em seu notório trabalho de 1948, *Language and Language Disturbances*, Goldstein irá distinguir, na linguagem, duas funções possíveis: uma *atitude concreta* e uma *atitude categorial*. A primeira é uma apreensão da realidade em situações efetivas como as coisas ou as expressões da própria língua. A segunda abstrai esses contextos efetivos, apreendendo suas propriedades gerais.

Apresentados esses exemplos, questionamos: o que os seres humanos antes da Revolução Cognitiva; as crianças enquadradas no período operatório concreto por Piaget; e as pessoas com afasia têm em comum? Todos possuem uma linguagem concreta, cujo pensamento está relacionado às ações imediatas, práticas e pragmáticas. Não são capazes de imaginar situações hipotéticas, criar histórias de seres inexistentes, brincar de um jogo de faz de conta, alçar a consciência para além de um mundo material.

Tal capacidade de elaborar um pensamento abstrato, Vygotsky (2005) denomina pensamento por complexos. Neste estágio do conhecimento, a pessoa é capaz de compreender que, em diferentes situações, as palavras podem adquirir diferentes significados. Os três grupos referidos anteriormente também são mencionados pelo autor ao referir que “a criança, o homem primitivo, e o alienado, por muito que os seus processos mentais difiram no respeitante a outros aspectos importantes, manifestam todos fenômenos de contaminação - sintoma do pensamento primitivo por complexos e da função das palavras” (VYGOTSKY, 2005, p. 86).

As sociedades humanas passaram a compreender tal complexidade a partir da Revolução Cognitiva, da mesma forma que a criança passa do pensamento concreto para o abstrato. Ambos os eventos representam saltos, rupturas, porém o primeiro no âmbito coletivo (social), e o segundo no âmbito

individual. E da mesma forma que existe um salto ou ruptura da linguagem, pode existir o retrocesso, quando a pessoa sofre uma lesão cerebral.

A partir daí, já é possível compreender as relações dos estudos de pensamento e linguagem com a Geografia: além de estudar o mundo concreto, material, como rochas, montanhas, vegetações, edificações, áreas, vinculados a ações práticas humanas, a Geografia também está pautada em estudos abstratos e subjetivos construídos a partir da intermediação simbólica presente em todos os atos humanos que se manifestam através da linguagem e da intersubjetividade na qual as relações humanas partilham significados. A realidade física é a das coisas próprias, dos fatos nus e crus, da razão. Por outro lado, o universo simbólico é o das emoções, imaginações e sonhos.

FENOMENOLOGIA: A LINGUAGEM COMO MEDIADORA DA RELAÇÃO PESSOA-MUNDO

Dois filósofos foram referenciados para embasar esta pesquisa. Porém, ambos não seguem a mesma linha de pensamento. Cassirer embasou seu arcabouço teórico na *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, e em Kant. A partir dessas e de outras inspirações, desenvolveu um pensamento próprio que culminou em sua teoria das formas simbólicas. Merleau-Ponty foi discípulo de Husserl, reconhecido no meio científico como o refundador da fenomenologia.

Cassirer e a filosofia das formas simbólicas

A base do pensamento de Cassirer (1994) é a teoria das formas simbólicas, que consiste na capacidade humana de organizar seus sentimentos e pensamentos em relação ao mundo. O autor não considera a vida individual, mas a vida política e social, ou seja, as formas de existência comunitária humana. As formas simbólicas são estruturas, *a priori*, vazias de conteúdo. São funcionais e não estruturais. Atuam de uma forma dialética, constante e dinâmica. As formas simbólicas propostas por Cassirer são: o mito, a religião, a arte, a linguagem, a história e a ciência. Cada uma segue fins diferentes, mas todas são variações da cultura humana. Assim, portanto, não é a ciência a única a gerar conhecimento, mas todas as formas simbólicas, sem que haja um grau de hierarquia entre elas.

A linguagem é transversal a todas as demais formas simbólicas, já que diferentes estruturas de linguagem correspondem a diferentes estruturas de pensamento (CASSIRER, 2001). O conceito de pregnância simbólica implementado por Cassirer propõe que o relacionamento humano com o mundo não ocorre de forma imediata, mas mediata. Assim, as sensações devem ser lidas em diálogo com a questão simbólica, isto é, como ato de significação, pois o que medeia as relações com o mundo é a pregnância simbólica. As imaginações permeiam todas as ações humanas. Esta é a capacidade de simbolizar. O pensamento reflexivo (ou simbólico) consiste em distinguir certo elemento dentre o amálgama de percepções, e analisá-lo isoladamente.

A linguagem, em seus primórdios, surgiu para expressar emoções, e, portanto, era expressa com alto grau de gesticulações. Cassirer (1994, p. 55) divide a linguagem proposicional e a emocional. Na última se “encontra a fronteira entre o mundo humano e o animal”, na qual incorpora o simbolismo. Nesse sentido, Cassirer ressalta a diferença entre sinal e símbolo. Muitos animais podem compreender sinais, que compõem a inteligência prática, mas não a complexidade da linguagem simbólica, já que o símbolo faz parte do mundo humano de significados.

Cassirer faz uma crítica à cultura humana, na qual o homem cultural supera o homem biológico, rompendo a “ordem” biológica natural. Para Cassirer, a linguagem é intuitiva, pois está nos sujeitos, não nos objetos. Garcia coloca que

Cassirer destaca três estágios da linguagem (tanto falada quanto escrita): mimético, analógico e simbólico. No primeiro, não há tensão entre o signo linguístico (sic!) e o conteúdo ao qual se refere; aos poucos, a linguagem cria um distanciamento entre som (ou grafia) e significação; por fim, após romper as amarras restantes em relação à substancialidade da referência, a linguagem alcança a sua idealidade como função simbólica. (GARCIA, 2010, p. 145).

Por isto, através da linguagem é possível referenciar objetos que não estão presentes e, com isto, a linguagem cria a capacidade de comunicar sobre elementos que estão a centenas de quilômetros de distância.

Para Cassirer (1994), o espaço e o tempo são a estrutura na qual toda a realidade está contida. Mas a aparência entre estas duas categorias não é a mesma para todos os seres orgânicos. No mundo humano, a realidade é conhecida por uma conformação simbólica. As experiências espacial e temporal são divididas em dois tipos, chamadas superiores e inferiores. Na camada mais baixa, estão o espaço e tempo orgânicos, em que os seres humanos se adaptam ao espaço e tempo para sobreviver. Assim, não possuem um programa consciente de relações espaciais. Não se formula uma ideia de espaço ou imagem mental. A concepção de distância e direção espacial ocorre de maneira intuitiva.

Este é o espaço da ação comum na vida primitiva humana, que tem a função de cumprir interesses práticos e imediatos. É, portanto, preso ao sujeito, e caracteriza-se por sua heterogeneidade. E como exemplo deste espaço, Cassirer (1994, p. 79) cita a pessoa primitiva como sensível ao seu ambiente prático, mas era incapaz de desenhar um mapa. Por isto, “quando está remando ou velejando, segue com grande precisão todas as voltas do rio que está subindo ou descendo. Examinando com mais atenção, porém, descobrimos para nossa surpresa que, a despeito dessa facilidade, parece haver uma estranha lacuna em sua apreensão do espaço”. A familiaridade com as ações cotidianas caracteriza-se por um hábito, uma manipulação, um movimento seguido do outro tornando-se mecânico, e não exige raciocínio complexo para sua execução. Portanto, é denominado como apresentação.

Para pensar mais didaticamente nesta questão, podemos exemplificar o ato de caminhar. Nenhuma pessoa, ao caminhar, pensa em qual pé está apoiando no chão, em qual ângulo está dobrando o joelho. A pessoa simplesmente caminha intuitivamente, sem que traga à consciência a sequência de movimentos para caminhar. Da mesma forma, a pessoa que começa a aprender a dirigir, pensa em toda sequência de ações que deve executar para tal: pisar na embreagem, engatar a primeira marcha, soltar a embreagem, pisar no acelerador... Mas à medida que dirigir se torna um ato rotineiro, a pessoa passa a executar de forma intuitiva, sem pensar em suas ações.

Na camada mais alta, os animais superiores têm a experiência do espaço perceptual, que ultrapassa o simples dado dos sentidos, tornando um espaço simbólico. Esse, é o espaço abstrato, geométrico e matemático que se torna homogêneo e universal. O conhecimento inclui a representação, uma abstração, ou seja, a capacidade de simbolizar. Quando a astronomia superou a astrologia, o espaço geométrico da ciência moderna tomou o lugar do espaço mítico. Isso explica porque o desenho de um mapa, por exemplo, é considerado uma representação. É uma forma de re-apresentar o espaço, ou seja, trazer o espaço vivido para a consciência e comunicá-lo a outrem através de uma linguagem que possua signos e símbolos. Portanto, o mapa é uma forma de linguagem.

Merleau-Ponty e a fenomenologia da percepção

Maurice Merleau-Ponty foi influenciado por Husserl, e em suas obras enfatiza a relação corpórea com o mundo partindo do pressuposto de nossa condição de seres encarnados, da qual não temos como nos desvencilhar para que possamos perceber os fenômenos. Em outras palavras, “a teoria do esquema corporal é implicitamente uma teoria da percepção”. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 278)

Diferente de Cassirer, Merleau-Ponty conduz suas reflexões a uma dimensão corpórea, portanto, individual. Ainda assim, suas considerações podem ser generalizadas para todas as pessoas, já que a busca pela essência dos fenômenos implica um retorno às coisas mesmas. Cada indivíduo está aberto ao mundo para vivenciar experiências, descrevendo-as pela percepção. Pois bem: as percepções não são completamente subjetivas, mas partilhadas por meio da intersubjetividade. Como os seres humanos dispõem do mesmo sistema biológico, tendem a perceber o mundo de forma semelhante.

Merleau-Ponty (2011, p. 266) distingue dois níveis de reflexão sobre a linguagem. A fala falada é a utilizada na comunicação cotidiana, de significações claras, em que o signo já está pré-estabelecido. A fala falante é aquela que não tem um significado pronto, e, portanto, causa um estranhamento; é empregue em textos literários, em poemas ou na filosofia, e está para além do que foi dito. Carmo (2011, p. 91) considera que “os estudos de Merleau-Ponty acerca da linguagem têm como princípio tratá-la como uma modalidade do corpo, e não como uma operação de pensamento puro”. Gonçalves (2011, p. 622) deixa claro por que a linguagem, e não a percepção, implica um método descritivo:

A eleição do método descritivo no estudo da percepção tinha por objetivo evitar a influência dos pressupostos existentes sobre ela, os quais deveriam ser colocados “entre parênteses”, para favorecer o retorno à experiência da percepção em sua

dimensão originária. O método descritivo, característico das investigações fenomenológicas, consiste no emprego das palavras para atingir o que elas mesmas não conseguem captar por completo (...). Essas indicações revelam que a linguagem é, de certo modo, um tema subjacente à *Fenomenologia da Percepção*. Dada a importância do método descritivo na condução de suas investigações, bem como o pressuposto de que nada há de inexpresso na vida humana, é preciso considerar a necessidade experimentada por Merleau-Ponty de abordar o fenômeno da linguagem, a fim de compreender de que modo uma descrição poderia ser realizada livre de pressupostos.

Merleau-Ponty (2011) lança um contraponto entre as abordagens empirista e intelectualista, apontando as concepções que cada uma sugere. Assim, emite suas compreensões sobre a discordância ou ratificação sobre determinados pontos. O autor aponta que ambas as correntes concebem a exterioridade entre a palavra e o significado, ou seja, as palavras não têm significação própria porquanto essa lhe é atribuída de acordo com os usos. Em suma, o filósofo francês discorda das duas correntes, afirmando que a palavra possui um sentido próprio:

Uma vez feita a operação categorial, resta explicar a aparição da palavra que a conclui, e é mais uma vez por um mecanismo fisiológico ou psíquico que se fará isso, já que a palavra é um invólucro inerte. Portanto, ultrapassa-se tanto o intelectualismo quanto o empirismo pela simples observação de que a palavra tem um sentido (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 241).

Dessa forma, a linguagem não é uma mera representação do pensamento, mas sim, a própria gênese do pensamento. A fenomenologia de Merleau-Ponty, embasada em Husserl, propõe o “retorno às coisas mesmas”, um movimento à expressão pré-reflexiva da linguagem, uma imersão no mundo vivido para compreensão da linguística cotidiana.

concebe a linguagem como uma expressão corpórea. Para ele, a consciência humana não está apenas no pensamento, mas no corpo inteiro. Cada ação corpórea, cada gesto, é uma comunicação e, desta maneira, “o corpo fala”. O corpo articula com os objetos, os sistemas geográficos, com as pessoas. Com isso portanto, o corpo é um ser social. As práticas cotidianas estão dotadas de significados, expressos pelo corpo. Assim, o autor considera que a expressão emocional dos gestos confere autenticidade à linguagem. Porém, em diferentes culturas, as pessoas expressam suas emoções de maneiras distintas, e confere à expressão gestual maior subjetividade que a linguagem falada, já que os gestos podem ser interpretados de diversas maneiras por quem observa.

O filósofo não faz distinção entre sujeito do conhecimento e objeto a ser conhecido. “A consciência é sempre consciência de alguma coisa e o objeto é sempre objeto para uma consciência. Para a fenomenologia, não existe o objeto em si destacado de uma consciência que conhece. O objeto é um fenômeno” (CARMO, 2011, p. 17). Para compreender a linguagem, o fenômeno que aparece é o Outro, a alteridade. Ao mesmo tempo em que cada pessoa se apresenta enquanto fenômeno para o Outro, ela também é uma consciência percipiente. As expressões e ações humanas são dotadas de intencionalidades e é por isso que para Merleau-Ponty (2011, p. 247) o pensamento não antecede a linguagem, mas é a própria linguagem, pois “eles estão envolvidos um no outro”.

O autor é muito apropriado pelos geógrafos já que a apreensão do espaço geográfico se dá primariamente a partir do corpo e seus sentidos. O próprio corpo é a perspectiva da qual cada pessoa aprecia o mundo.

Relações entre os dois autores e a Geografia

Apesar de Cassirer e Merleau-Ponty divergirem em suas teorias, em alguns pontos se aproximam. Dartigues (2008) afirma existir tantas fenomenologias quanto fenomenólogos. Como a própria ciência busca pelas essências, deve haver a essência da própria fenomenologia, esse ponto em comum que une os autores. Nossa busca incessante é encontrá-la. Como já colocado, os dois autores tratam da filosofia da linguagem e citam como exemplo o caso da afasia. Aprofundaremos agora no pensamento fenomenológico de cada um. Ambos têm em comum a afinidade com a *Gestalttheorie*, a teoria das formas, apoiada na fenomenologia.

Têm ocorrido nos últimos anos uma apropriação dos pensamentos destes autores para embasar pesquisas na área da Geografia, a exemplo de Fernandes e Gil Filho (2011); Gil Filho et al., 2019; Gil Filho (2012); Souza (2013); Nogueira (2004) e até mesmo Milton Santos (2008), em seu clássico livro

A *natureza do espaço*, mencionou em diversos momentos de sua obra os filósofos Merleau-Ponty e Ernst Cassirer.

Em ambos, o pensamento e a linguagem desempenha o papel fundamental nesta relação entre consciência e objeto. Através da linguagem, é possível referenciar o objeto ou fenômeno que não está presente, e, por meio da intersubjetividade, estabelecer uma comunicação com a alteridade por meio de signos e símbolos cujos significados possuem uma essência universal.

Mesmo que a mobilidade do corpo esteja restrita a um determinado espaço, a consciência é capaz de acessar os espaços mais longínquos. Ademais, a linguagem permite acessar o passado e o futuro, transitando também por diferentes tempos, pensando em possibilidades de ações, sem que elas, necessariamente, se concretizem. O mundo percebido pelo ser humano é permeado por um sistema simbólico, que permite imaginar, refletir, classificar, nomear.

Não é possível, deste modo, pensar em uma coisa que não existe. Tudo que o ser humano é capaz de pensar é uma criação a partir de coisas que já existem. Por exemplo, a sereia é um personagem ficcional inexistente: uma mulher com rabo de peixe. Se existe mulher, e existe peixe, a criação consiste na junção de duas coisas existentes. Sendo assim, por mais fantástica que possa parecer qualquer criação humana, essa sempre é baseada em coisas existentes. Isso porque, para partilhar a imaginação com outrem, é necessária uma linguagem que locutor e interlocutor compreendam um significado em comum. Por isso, fenômenos não são apenas coisas concretas. Cerbone (2012, p. 20) enfatiza que “a percepção, na qual temos nos centrado, é uma forma de manifestação, mas não a única (algumas coisas, tais como números e equações, manifestam-se mais genuinamente de modo puramente intelectual)”. Ainda assim, podem ser partilhadas pelas pessoas, acessadas por uma linguagem comum.

GEOGRAFIA: A LINGUAGEM E O PENSAMENTO COMO APROPRIAÇÃO DO MUNDO

Desde que o ser humano nasce, a apreensão do espaço passa a ser construída por meio dos sentidos. Sons, cheiros, sabores, cores, texturas passam a estimular os bebês, que vão construindo suas espacialidades, entendendo-se como um sujeito presente no mundo. Cada um dos sentidos proporciona percepções em diferentes escalas.

Na Geografia, a escala é um dos conceitos fundamentais. É comum se enfatizar a escala cartográfica, a escala de análise, mas pouco se fala em escala de percepção e escala de experiência. Segundo Marandola Jr. (2016, p. 456), “a experiência é a escala epistemológica para a qual a fenomenologia está voltada”. Este tipo de escala pode ser mais comumente discutido na Geografia Humanista e Cultural, que se apropriam da fenomenologia.

Pearce (1982), Hill (1985), Okamoto (2002) e Lusseyran (1983) consideram a visão e a audição como sentidos de longo alcance, ou seja, podemos ver estrelas que estão a anos-luz de distância. Nas palavras de Le Breton (2016, p. 69), a visão “cobre toda distância, e a distância busca suas percepções”. Podemos ouvir estrondos de trovão a quilômetros, por exemplo. Tuan (2013, p. 24) cita que “os sons, embora vagamente localizados, podem transmitir um acentuado sentido de tamanho (volume) e de distância”.

Hall (2005, p. 51) denomina receptores remotos os olhos, ouvidos e nariz, pois “ocupam-se do exame de objetos distantes”, e receptores imediatos o tato e os músculos, pois “são usados para examinar o mundo de muito perto”. Entretanto, o olfato não tem um alcance tão longo quanto a visão e a audição. Já o tato e o paladar necessitam que o objeto esteja em contato imediato com o corpo para serem percebidos.

A linguagem também é adquirida por meio dos sentidos, e começa a ser aprendida desde que a pessoa nasce. A criança passa a ouvir os sons da fala e busca os imitar. Com o tempo, vai compreendendo que cada som possui um significado. A linguagem não é composta apenas pela fala, mas também por expressões faciais e corporais.

Ao aprender a falar, geralmente, a língua materna é que acompanha o pensamento ao longo de toda a vida. Há casos em que a pessoa muda de país e passa a falar cotidianamente um novo idioma. Assim, aos poucos, a nova linguagem passa a permear o pensamento, e até mesmo os sonhos. O contexto, a situação, o meio em que a pessoa vive passa a fazer parte da nova realidade do indivíduo, cuja consciência se adapta e se funde com o ambiente ao redor.

As pessoas que nascem com a falta de algum dos sentidos passam a perceber o mundo e a adquirir a linguagem através de seus sentidos remanescentes. A pessoa cega pode se comunicar com o uso da língua falada. Utiliza na escrita o sistema Braille, em que as letras são representadas em relevo e podem ser lidas pelo tato, mas é a mesma língua falada, representada de forma diferente. Já a pessoa surda se comunica com a língua de sinais, Libras no Brasil, que é uma linguagem visual. Esta língua possui uma estrutura própria e, ao contrário do que muitos pensam, não é uma transformação da língua falada em sinais. É uma outra língua. Por isso, mesmo tendo a capacidade de enxergar, a pessoa surda tem dificuldades em ler e escrever a língua falada, já que não é sua língua materna.

Assim, as pessoas com deficiências possuem mecanismos para adquirir a linguagem, se comunicar, apreender o ambiente e o mundo vivido. Há, todavia, um caso em que tais relações se tornam mais complexas: as pessoas surdo-cegas. Essas pessoas não podem adquirir a linguagem pela visualização ou pela audição, mas são capazes de compreender através do tato. O processo de ensino-aprendizagem exige mais tempo e um profissional especializado, dedicado e paciente.

O processo funciona da seguinte forma: há um alfabeto manual utilizado por pessoas surdas para soletrar palavras. Cada uma das letras é feita em contato com a mão da pessoa surdo-cega. E ao sentir a sequência de posições, a pessoa surdo-cega reconhece a palavra soletrada. A criança que passa por esse processo de ensino-aprendizagem sabe que cada posição de mão significa uma letra, cada sequência de letras corresponde a uma palavra e cada palavra representa objetos, sentimentos e ações, e assim é possível a comunicação. Antes que exista tal compreensão, a criança ainda não adquiriu uma linguagem. Como linguagem e pensamento são indissociáveis, não há pensamento sem linguagem.

E como esta forma particular de apreender o mundo e a linguagem permite reflexões filosóficas instigantes, os filósofos Merleau-Ponty e Ernst Cassirer citam como exemplo o caso de Helen Keller para demonstrar a transição da atitude prática da linguagem para a atitude simbólica. A história de vida da garota é relatada no filme *O milagre de Anne Sullivan* e também em seu livro autobiográfico *A história de minha vida*. Helen Keller nasceu em 1880 nos EUA e perdeu a visão e a audição quando tinha poucos meses de vida. Ela emitia alguns sons e sinais para se comunicar com a família, criados por ela mesma, como relata:

Minhas mãos tocavam cada objeto e registravam cada movimento, e assim aprendi a conhecer muitas coisas. Logo senti a necessidade de alguma comunicação com os outros e comecei a fazer toscos sinais. Um aperto de mão significava "Não" e um acenar afirmativo da cabeça "Sim"; um puxão significava "Vem", um empurrão "Vai" (KELLER, 2008, p. 8).

A professora Ane Sullivan, contratada para alfabetizar Helen, conduzia a mão da menina até os objetos, e soletrava em sua mão o nome. Após um longo período de tentativas, aos 7 anos, Helen, ao colocar a mão na água, deu-se conta de que, aquilo que percebia com seu sentido tátil, poderia ser representado por uma sequência de sinais. No instante em que Helen se deu conta que cada objeto do mundo tinha um nome universal, ficou extasiada com a descoberta e, a partir de então, passou a questionar o nome de todas as coisas.

Este foi o momento em que Helen descobriu a atitude simbólica da linguagem funcionando como uma revolução intelectual. As pessoas sem deficiência passam por esta etapa de aprendizagem com poucos meses de vida, e de forma gradual. No caso de Helen foi possível constatar este momento devido a sua idade já avançada. A partir deste exemplo é possível afirmar que a linguagem humana não é apreendida somente por meio sonoro ou visual, mas por meio de todos os sentidos, incluindo o sentido tátil. Isto demonstra que o símbolo é universal, mas é variável e pode ser expresso por diversos meios.

Todo pensamento ocorre a partir de uma linguagem, ainda que não seja expressa. Helen pensava somente a partir daqueles elementos que estavam ao seu alcance, não tinha uma consciência do mundo e um pensamento complexo. Antes de compreender a linguagem, a autora relata: “às vezes eu ficava entre duas pessoas que conversavam e tocava seus lábios. Como não conseguia entender, ficava perturbada” (KELLER, 2008, p. 8-9).

Cassirer cita o caso de Helen Keller para comprovar sua teoria sobre a pregnância simbólica, já que “teve de entender que tudo tem um nome – que a função simbólica não está restrita a casos particulares, mas é um princípio de aplicabilidade universal que abarca todo o campo de pensamento humano” (CASSIRER, 1994, p. 62). A garota, mesmo com restrições nos sentidos, conseguiu compreender a relação de sentido e significado, pois “o animal possui uma imaginação e uma

inteligência práticas, enquanto apenas o homem desenvolveu uma nova forma: uma *imaginação* e uma *inteligência simbólicas*” (CASSIRER, 1994, p. 60, grifo do autor).

Ao se formarem e se estruturarem na consciência, as formas simbólicas se exteriorizam para o mundo enquanto ação dos sujeitos, propiciando o conhecimento do mundo, há uma mediação da consciência com a realidade. Portanto, o autor conclui que “com esse princípio, até o mundo de uma criança cega, surda e muda pode tornar-se incomparavelmente mais rico que o mundo do animal mais altamente desenvolvido” (CASSIRER, 1994, p. 64). Após atingir a idade adulta, Helen Keller graduou-se no ensino superior, publicou livros e tornou-se uma conferencista famosa.

Merleau-Ponty cita o caso de Helen Keller em *Psicologia e pedagogia da criança* (2006b). Suas colocações divergem, em partes, dos apontamentos de Cassirer. Merleau-Ponty (2006b, p. 12) considera que, para a interpretação intelectualista, Hellen Keller teve uma revelação súbita de signo-significado no momento em que aprendeu a palavra “água”, e, na hora seguinte, aprendeu cerca de trinta signos. Mas o autor faz uma crítica, questionando: “será que, realmente, o aparecimento da primeira palavra significa a conscientização da relação signo-significado? Por várias razões, parece difícil admiti-lo”. Dentre seus argumentos, aponta que “se assim fosse, a primeira palavra da criança seria seguida por um progresso rápido, como foi o caso de Hellen Keller. Na verdade, na maioria das vezes, é seguida por uma longa estagnação”.

O filósofo, entretanto, faz a crítica como se o processo aprendizagem de Helen Keller e das demais crianças sem deficiência fossem iguais. As pessoas adultas raramente têm memórias de infância antes de os 3 ou 4 anos, idade em que geralmente se começa a tomar consciência da linguagem enquanto significado. Como Helen Keller aprendeu a linguagem aos 7 anos, consegue se lembrar na idade adulta o momento exato em que relacionou signo-significado e sua ânsia por aprender mais palavras.

O autor tece uma crítica a Piaget, pois acredita que o desenvolvimento infantil não pode ser dividido em estágios subsequentes, já que as etapas não são bem definidas, e conclui fazendo um elogio a *Gestalt*, afirmando: “Os gestaltistas nos levaram a entender melhor o problema ao explicarem como, nos períodos decisivos do desenvolvimento, a criança se apropria das “Gestalten” linguísticas, das estruturas gerais, não por um esforço intelectual, nem por uma imitação imediata” (MERLEAU-PONTY, 2006b, p. 15).

O caso de Helen Keller, utilizado como exemplo pelos dois filósofos, pode conduzir a algumas reflexões sobre as relações do pensamento e da linguagem com a Geografia. Estudos em educação geográfica ensinam a educadores formas de desenvolver a construção do espaço na criança, desde os primeiros anos da educação infantil. Porém, a construção do espaço acontece para além do ensino formal, e ocorre de forma intuitiva desde o nascimento. A criança, desde bebê, aguçada pela curiosidade, passa a explorar todos os espaços que estejam ao seu alcance: tocar em tudo o que vê, conduzir objetos à boca para saborear suas texturas, ser estimulada por sons, cores e cheiros.

Com o passar dos anos, vai a outros lugares, além de sua casa. Passa a descobrir novos mundos, observar diferenças entre os lugares. A criança toma consciência do mundo e de si em relação ao mundo. Estabelece conexões, cria concepções de distâncias, desenvolve vínculos afetivos pelos lugares e remonta em sua imaginação lugares desconhecidos. Grande parte dos estudos que buscam compreender as espacialidades infantis está embasada na Epistemologia Genética de Piaget (PAGANELLI, 1987; OLIVEIRA, 2017; ALMEIDA E PASSINI, 2010), teoria na qual o corpo e os sentidos são basilares na construção do conhecimento e no estabelecimento das relações espaciais.

Retomando a discussão sobre a escala dos sentidos, no caso especial de Helen Keller, antes de conhecer a linguagem, ela só podia conhecer o mundo a uma escala de objetos muito próximos de seu corpo, ou em contato imediato, já que só poderia contar com os sentidos do olfato, paladar e tato. Sua imagem do mundo era empobrecida, limitada à sua residência e seu quintal, pois sua família raramente a levava para fora dos limites de sua propriedade.

Com a aquisição da linguagem, Helen Keller pôde ressignificar a sua condição existencial e o mundo. Queria saber de tudo sobre os lugares que não conhecia, e não dava trégua à sua professora com seus intermináveis questionamentos. Ao compreender o sistema simbólico das palavras, Helen pôde aprender a leitura do Braille e desenvolver a autonomia para ler sozinha. A linguagem não dá conta de representar tudo. Por mais pormenorizada que sejam as descrições das paisagens, é difícil para uma pessoa que nunca enxergou construir uma imagem mental das paisagens. Em razão disso, Sullivan encontrou uma alternativa, relatada por Helen:

Eu construía diques com seixos, fazia ilhas e lagos e cavava leitos de rio por divertimento, e jamais sonhei que estivesse tendo uma aula. Eu ouvia cada vez mais maravilhada as descrições da srta. Sullivan sobre o grande mundo redondo com suas montanhas ardentes, cidades enterradas, rios de gelo movente e muitas outras coisas estranhas assim. Ela fazia mapas de argila em relevo para que eu pudesse tatear as cristas das montanhas e os vales, e seguia com meus dedos o curso sinuoso dos rios. (KELLER, 2008, p. 29)

Keller, então, passou a conhecer o mundo melhor do que muitos viajantes. Sua ânsia por descobertas fez com que devorasse os livros. Sua família, de classe mais abastada, lhe proporcionou o acesso a uma ampla biblioteca, a uma escola de excelência, e, posteriormente, ingresso no curso superior. O mundo de Helen se abriu. A garota que antes não falava pôde ampliar seus horizontes e partilhar com as outras pessoas pela intersubjetividade.

É através dos sentidos e da linguagem que se adquire a consciência do mundo, que se constroem geografias. É por meio deste mecanismo que conseguimos evocar objetos que não estão presentes e nos relacionarmos com lugares distantes. Como Helen não tinha os dois sentidos de distância, a linguagem supriu a carência das condições biológicas.

Certamente, ninguém pode viajar por todos os lugares do mundo, estar presente de corpo próprio, apreciar com os próprios sentidos, afeiçoar-se por uma determinada porção do espaço e tê-la como um lugar. O caso de Helen Keller mostra que é possível conhecer e apropriar-se de lugares através da linguagem. As múltiplas linguagens como a literatura, o cinema, a fotografia, a pintura, as narrativas, permitem acessar lugares pela imaginação, mesmo sem estar presente.

Ao retomar a discussão sobre a construção da linguagem por nossos ancestrais primitivos, podemos imaginar o quanto a escassez destas linguagens em tempos mais remotos tolhia o conhecimento do mundo. Wright (2014, p. 5), em seu artigo *Terrae Incognitae*, afirma que “apesar dos nossos ancestrais da idade da pedra e seus descendentes até o alvorecer dos tempos modernos terem aumentado o limite da terra incógnita pouco a pouco, o seu ‘mundo conhecido’ era apenas um ponto de luz em meio a uma sombra”. Naqueles tempos, o desconhecimento do mundo era em razão da falta de tecnologias para a mobilidade, mas também, da falta de comunicação com pessoas que habitassem outras terras.

A partir do romance *Cem anos de solidão*, Gabriel Garcia Marques (1967) nos conduz a imaginar o processo de criação da linguagem, quando descreve a aldeia de Macondo: “o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las precisava-se apontar com o dedo”. E, a ficção se aproxima da discussão teórica, quando Milton Santos (2008, p. 42) explica: “a linguagem tem um papel fundamental na vida do homem, por ser a forma pela qual se identifica e reconhece a objetividade em seu derredor, através dos nomes já dados”.

Algumas palavras só existem em determinados idiomas. As palavras são criadas à medida em que surge a necessidade de referenciá-las. A partir das palavras que possam designar diferenças, a percepção do ambiente muda, já que a consciência pode ser voltada para o objeto por intermédio do pensamento. A respeito disso, Tuan cita um exemplo:

Os esquimós Aivilik têm pelo menos doze termos diferentes para os vários ventos e o seu vocabulário para as diferentes condições de neve é igualmente rico. Um habitante urbano, devido ao extraordinário contraste, tem um vocabulário muito limitado, não somente a respeito da neve e gelo, mas também sobre aspectos da natureza que o afetam diariamente, como o tempo e o relevo (TUAN, 2012, p. 89).

Outro exemplo que ilustra bem o caso é mencionado por Le Breton (2016, p. 306), quando nos lembra que “o olfato é o sentido menos diversificado na língua. Mesmo sendo o homem suscetível de discriminar milhares de odores, ele tropeça nos termos ao descrevê-los ou transmiti-los aos outros”. Os cheiros são sempre comparados e associados a outras coisas, referindo-se ao “cheiro de...”. Assim, a pessoa necessita sempre reportar-se a alguma coisa para especificar o cheiro. A falta de diversificação na língua influencia diretamente na capacidade das pessoas em diferenciarem uma variedade de odores.

As palavras vão sendo criadas à medida em que surge a necessidade de referir-se àquela coisa ou um fenômeno em específico. Tais necessidades variam de acordo com cada cultura. Cada grupo de pessoas habita uma determinada porção do espaço com suas peculiaridades. E cada grupo humano necessita se comunicar com seus membros sobre o espaço que habitam. Sendo assim, as palavras de cada idioma estão relacionadas ao modo de vida de um grupo e suas relações espaciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma linha tênue que separa a linguagem concreta da linguagem abstrata. O tempo todo transitamos de uma a outra sem parar para refletir a diferença entre ambas. A condição humana é permeada pelo biológico e pelo cultural, tornando-se indissociável, não sendo possível separar o animal do simbólico. As palavras nomeiam as coisas. E, ao nomeá-las, cria-se uma relação com o objeto nomeado no pensamento e na linguagem. O ato de nomear faz com que o fenômeno apareça, ou melhor, que as pessoas passem a tomar consciência daquele fenômeno ao atribuir-lhe um nome. A linguagem não nomeia apenas fenômenos físicos, mas também fenômenos psíquicos. A linguagem torna-se ainda mais complexa ao transcender um plano material de ações imediatas, quando passa a nomear sentimentos e emoções.

Cassirer mostra que somos animais simbólicos e todas as nossas percepções já estão prenhes de sentido e significado, lentes das quais não podemos nos desvencilhar para ver o mundo. Por outro lado, Merleau-Ponty enfatiza que somos corpos que pensam, agem e se expressam. Encarnados nessa condição mundana, só podemos perceber as coisas enquanto fenômenos por intermédio dos sentidos que dispomos, e não as coisas como realmente são, como númenos. Cassirer e Merleau-Ponty são fenomenólogos, ponto que os une, apesar de divergências teóricas. Ambos concordam que é possível gerar fenômenos imaginários e abstratos, a partir dos já conhecidos. Fenômenos estes que são tão reais quanto os materiais.

A evolução de uma linguagem concreta para a abstrata, tanto no âmbito individual quanto coletivo, propiciou não só um incremento na comunicação com outrem, mas também a possibilidade de se apropriar do mundo pela consciência. Dessa forma, o pensamento e a linguagem estão intrinsecamente relacionados a uma construção geográfica. As terras incógnitas de Wright (2014) passam a ser conhecidas globalmente, ainda que não seja possível estar presente nelas fisicamente. Assim, surgem enquanto fenômenos, acessíveis por intermédio da linguagem.

A própria ciência geográfica alia as pesquisas empíricas, que estão no plano das ações, às construções teóricas, que são abstrações da realidade por meio de conceitos. O espaço geográfico é representado em cartas, mapas e croquis que utilizam símbolos e signos, linguagem que intermedeia o criador do mapa com seus interlocutores e adquire um caráter universal. Nesse sentido, linguagem, pensamento, Geografia e Fenomenologia entrelaçam relações, que convergem para um conhecimento dos espaços através das palavras, dos sentidos, das trocas simbólicas e das apropriações pela consciência.

Nesta pesquisa foi possível acrescentar algumas reflexões sobre as relações do pensamento e da linguagem com a Geografia. A criança, desde o nascimento, vai formulando seu conhecimento espacial por meio dos sentidos de longo e curto alcance. Vai se apropriando do mundo na medida em que experiencia e conhece diferentes lugares. No caso particular de Helen Keller, as restrições nos sentidos restringiram seu conhecimento do mundo até os 7 anos de idade. Porém, a partir da aquisição da linguagem, houve uma abrupta expansão da consciência de sua condição existencial, dos espaços, dos objetos e das alteridades.

Por meio do pensamento e da linguagem nós conseguimos nos conscientizar do mundo, estabelecer relações com o espaço, e nos apropriar dele com a consciência e as ações. Além disso, é possível a comunicação com outrem sobre os objetos e fenômenos presentes no mundo em que as pessoas partilham uma existência em comum.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.D.; PASSINI, E. **O espaço geográfico**: Ensino e representação. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CARMO, P.S. **Merleau-Ponty**: uma introdução. 2ª ed. São Paulo, EDUC, 2011.

CASSIRER, E. **Filosofia de las formas simbólicas III** - Fenomenología del Reconocimiento. Tradução de Armando Morones. Primera edición electrónica. México: Fondo de Cultura Económica, 2017. (Originalmente publicado em 1929)

CASSIRER, E. **Filosofia das formas simbólicas I** – a linguagem. Tradução de Marion Fleischer. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Originalmente publicado em 1923)

- CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Originalmente publicado em 1944)
- CERBONE, D. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 10ª ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- FERNANDES, V. **Filosofia, ética e educação na perspectiva de Ernst Cassirer**. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21062007-103820/pt-br.php>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- FERNANDES, D.; GIL FILHO, S.F. Geografia em Cassirer: perspectivas para a geografia da religião. v. 7, n. 2. **GeoTextos**, 2011. p. 211-228. <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v7i2.5283>.
- GARCIA, R. **Genealogia da crítica da cultura: um estudo sobre a filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer**. 190 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-25112010-145753/pt-br.php>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- GIL FILHO, S.F. et al. **Ernst Cassirer: geografia e filosofia**. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2019.
- GIL FILHO, S.F. Geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 47-66.
- GONÇALVES, R.R. Subjetividade e linguagem na obra de Merleau-Ponty. **Psicologia USP**, v. 22, p. 621-634, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000022>
- HALL, E.T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HARARI, Y.N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- HILL, M.H. Bound to the environment: Towards a phenomenology of sightlessness. In: SEAMON, David; MUGERAUER, Robert. **Dwelling, place and environment towards a phenomenology of person and world**. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p. 99-111. https://doi.org/10.1007/978-94-010-9251-7_7
- JEAN PIAGET: coleção grandes educadores (documentário). Produção: Yves de la Taille. Direção: Regis Horta. Brasil: ATTA Mídia e Educação, 2006. (58 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rRLukE2HGzA>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- KELLER, H. **A história de minha vida**. Tradução de Myriam Campello. Ed. Revista. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008. (Originalmente publicado em 1903)
- LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- LUSSEYRAN, J. **Cegueira, uma nova visão do mundo e o cego na sociedade**. Tradução de Heinz Wilda. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1983.
- MARANDOLA JR., E. Geografias do porvir: a fenomenologia como abertura para o saber geográfico. In: SPÓSITO, Eliseu Savério. et. al. **A diversidade da Geografia Brasileira: Escalas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016, p. 451-466.
- MARQUES, G.G. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto de Moura. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Originalmente publicado em 1945)
- MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do Comportamento**. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006a. (Originalmente publicado em 1942)
- MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e pedagogia da criança**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

NOGUEIRA, A.R.B. Uma interpretação fenomenológica na geografia. In: DANTAS, Aldo; GALEANO, Alex (Orgs.). **Geografia: ciência do complexus**: ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 209-236.

OKAMOTO, J. **Percepção ambiental e comportamento**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

O MILAGRE DE ANNE SULLIVAN (THE MIRACLE WORKER). Direção: Nadia Tass. Produção: Suzy Beugen-Bishop. EUA: Disney's, 2000. (107 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z3mCkkgD6qg>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

OLIVEIRA, L. Uma leitura geográfica da epistemologia do espaço segundo Piaget. In: OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia**: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. MARANDOLA JR., Eduardo; CAVALCANTE, Tiago Vieira (Orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, p. 47-75.

PAGANELLI, T. Para a construção do espaço geográfico na criança. In: VESENTINI, José William. **O ensino da Geografia em questão e outros temas**. São Paulo: AGB/Marco Zero, 1987, p. 129-148.

PEARCE, J.C. **A criança mágica**: a redescoberta do plano da natureza para nossas crianças. Tradução de Cinthia Barki. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

PIAGET, J.. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria A.M. D'Amorim; Paulo S.L. Silva. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. 4a ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SILVA, C. A. F. A estrutura do sentido: Goldstein e Merleau-Ponty. **Trans/Form/Ação** (UNESP. Marília), v. 35, p. 133-156, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732012000300008>

SOUZA, M.D. Geografia e fenomenologia: Merleau-Ponty e sua influência na Geografia Humana. **Caminhos de Geografia**, v. 14, n. 46, 2013. <https://doi.org/10.14393/RCG144617889>

TUAN, Y. **Espaço e lugar**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Y. **Topofilia**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WRIGHT, J.K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2014.42.a12896>

Recebido em: 31/03/2023

Aceito para publicação em: 29/06/2023